

A LINGUAGEM E OUTRAS SIMBOLOGIAS COMO
REPRESENTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA IDENTIDADE DO
PERSONAGEM FABIANO NA OBRA VIDAS SECAS DE
GRACILIANO RAMOS

Ademir Alves do Nascimento¹

hademyr@hotmail.com- UEPB

Resumo: A construção da identidade do indivíduo, segundo estudiosos é realmente algo inerente a sua formação sócio-histórico e cultural em meio a sociedade em que ele está inserido e/ou dela faz parte. A linguagem e outras simbologias, a exemplo das vestes, meio social no qual frequenta, posição social e representação sócio-cultural são fatores determinantes para a formação dessa identidade e sua representação no meio social do indivíduo.

Palavras-chaves: Identidade, linguagem, simbologia, arquétipo.

ABSTRACT

The construction of the identity of the individual, according to scholars is really something inherent in their socio-historical and cultural background, amid the society in which it is inserted and/ or her part. The language and others symbols, like the clothes, the social environment in which frequents, social status and socio-cultural representation are crucial for the formation of this identify and its representation in the social environment of the individual factors.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAS

Na sociedade pós-moderna, bem como também dos avanços tecnológicos e científicos, muito se vêm estudando acerca da problemática construção da identidade, e essa estar acentuadamente presente dentro e/ou fora do âmbito do espaço escolar.

E, de acordo com pensamento crítico de Eliana e Selenir (2008), elas dialogam que o discurso do opressor pode ser incorporado iniciando, assim, o processo de desvalorização de seus atributos individuais, que interferem na construção da identidade.

Nesta mesma linha de pensamento Eliane e Selenir (2008), nos informam Também que, a exclusão simbólica, que poderá ser manifestada pelo discurso do outro, parece tomar forma a partir da observação do cotidiano, pois este, poderá ser uma via de disseminação do preconceito por meio da linguagem, na qual estão contidos termos pejorativos que em geral desvalorizam a imagem do outro.

Dessa forma, de acordo com com Ana Celia da Silva apud Selenir (2008), a inculcação do estereótipo inferiorizante visa produzir a rejeição de si próprio, do seu padrão estético, bem como dos seus semelhantes. E assim, por sua vez, inferiorizados tendem a ser rejeitados, porque passam a ser vistos pela ótica imposta do dominador como primitivos, inferiores ou folclóricos.

2. REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM FABIANO NA OBRA VIDAS SECAS

Escolhemos por analisar a linguagem e outras simbologias, tais como (vestimentas, posição e/ou representação social, comportamento sócio-cultural etc), como elementos representativos da busca identitária do personagem Fabiano na obra vidas secas, de Graciliano Ramos (1995), pelo fato de Fabiano, personagem principal da obra, representar com maestria o exemplo de indivíduo oprimido, submisso e com identidade indefinida.

Partimos também do fato de essa indefinição identitária dá-se, também, mediante a ausência de domínio de uma linguagem que o identifique/represente

socialmente, bem como, ainda, pela ausência ou falta de domínio da norma culta da língua portuguesa padrão, considerando-se que esse é o principal “divisor de águas” na sociedade quando se trata de representação da posição social e até mesmo da própria representação do ser humano em meio à sociedade na qual estar inserido o indivíduo.

Partiu-se também do fato afirmativo de que, quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500, trouxeram consigo uma riqueza de detalhes, ora linguísticos ora culturais que povoou o imaginário da nova terra que vulgarmente chamaram de Brasil.

Dessa forma, este artigo pretende trazer uma contribuição para o campo de estudos das ciências sociais e dos estudos culturais. Teorizando sobre a questão da identidade do personagem Fabiano no imaginário de Graciliano Ramos, para tanto, relacionamos os aspectos sociais, políticos, econômicos, históricos, geográficos e culturais do imaginário coletivo do personagem Fabiano.

Buscamos assim, analisar a linguagem e outros elementos, a exemplo das vestes e da condição sócio-cultural como símbolos representativos do arquétipo da identidade do personagem Fabiano na obra VIDAS SECAS de GRACILIANO RAMOS, à luz de teorias que fundamentem as hipóteses de que esta, bem como seu uso, é um dos principais fatores determinantes e representativos da construção e/ou representação da identidade.

3. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE A LUZ DOS TEÓRICOS

No desenvolvimento desse artigo tivemos como objetivo analisar como se dá a construção da identidade do personagem Fabiano, na obra VIDAS SECAS de Graciliano Ramos e, interpretar também, o processo de formação e/ou construção da identidade, do sujeito ‘ordinário’, isto é, do indivíduo, desprovido de características culturais que o represente como sujeito pertencente a classe social dominante, especificamente, na região Nordeste.

Buscou-se também, compreender como estar sendo construída a questão da formação da identidade nacional dos indivíduos dominantes e não-dominantes da norma culta da Língua Portuguesa ditada pela Gramática Normativa.

Assim, pensamos em um trabalho quanti/qualitativo de cunho fenomenológico e, para tanto, nossa fundamentação teórica esta calçada nos conceitos da análise da linguística aplicada de Moita Lopes(2002) e, é relevante, também, para esta pesquisa os

conceitos de identidade de Stuart Hall (2002 e 2005), Bauman (2005), os estudos sobre a questão da identidade e da diferença de Kathrin (2012) e o conceito de poder e corpo na visão de Michael Foucault (2005 e 2006), como também, o de cultura híbrida da Canclini (1997) e, por fim da Sociolinguística de Bagno (1999).

Assim, o foco da nossa análise recai na representação do sujeito e sua identidade estereotipado no mundo imaginário e simbólico de Graciliano Ramos, ou mesmo, rotulando o sujeito Nordestino.

Para tanto, trabalhamos com uma metodologia de abordagem comparativa, formulada nas seguintes etapas:

- 1) Pesquisa bibliográfica sobre a questão da identidade e da nacionalidade, o contexto Sócio-histórico da década de 1930 no Brasil e a representatividade da linguagem de Graciliano Ramos no cenário político-Cultural.
- 2) Pesquisa e leitura de bibliografia sobre a sociolinguística, língua, linguagem, Discurso e Identidade.
- 3) Leitura e análise do romance VIDAS SECAS, de Graciliano Ramos.

Após assistir ao filme central do Brasil, escrito e dirigido por Walter Salles, produzido no ano de 1998, no qual a atriz Fernanda Montenegro, interpreta a personagem Dora, que ganha dinheiro enganando os Nordestinos desprovidos do domínio da cultura letrada, escrevendo-lhes cartas à seus familiares, mas não as enviando, guardando-as em uma gaveta em sua casa. Logo, podemos observar, dessa forma, que algumas pessoas fazem uso da linguagem, seja ela escrita ou oral para como elemento de dominação social e/ou representação hierárquica esta e empregada com o objetivo de dominação social e/ou autorrepresentação sócio-cultural.

É interessante observarmos também que, quando assim agimos, estamos usando a linguagem como elemento de dominação social do ser inferiorizado e, assim essa passa a figurar, simbolicamente como elemento figurativos de representação social e, também, de opressão do ser. Dessa forma, partindo do pressuposto de que a construção da caráter identitário do indivíduo, enquanto ser dotado de forças, expressões e atitudes subjetivas é baseada no uso efetivo da linguagem, é possível dizer que esse processo vem se marginalizando na busca pela formação do caráter identitário através da linguagem e posição social que este sujeito ocupa na sociedade.

Podemos, ainda, nessa mesma linha de pensamento observar que a linguagem é capaz de caracterizar o ser, além de criar e inserir nos indivíduos, marcas de sofrimento e pobreza, marcas essas que transpassam a carne e inserem-se na alma, tatuando-os como ferro em brasa nos corpos dos sujeitos que, com estas, vivem suas experiências e escrevem suas histórias de vida, Graciliano Ramos em, *Vidas Secas*.

É nessas condições que o indivíduo passa a ser visto como: incapaz, desprovido de inteligência e preparando apenas para a luta contra a terra e a seca. No entanto, com o advento dos avanços tecnológicos e o processo de formação da identidade, a construção dessa, passa a ser encarada como algo sujeito à mudanças e inovações inerentes ao ser humano, num mundo dominado por um poderoso e atuante repertório linguístico, novas identidades estão sendo construídas pelo passado, presente e futuro. A identidade se constitui como um conjunto de fatores que se integram, de tal forma que juntas deem vida a uma nova personalidade, que não mais se assemelham a nenhum dos elementos.

Assim sendo, a identidade é a união de vários fatores, de forma que passa a se enxergar não como uma mera soma de elementos que atuam isoladamente, mas, sim, como elementos que atuam de forma intrínseca, dando origem a um novo componente individual.

No entanto, muitas vezes, enxergamos e exacerbamos aspectos da identidade, passando a partir daí a classificar os indivíduos, ou mesmo caracterizá-los, apenas, por esses aspectos. Isso se dá, geralmente, de forma depreciativa e, a esse fenômeno podemos chamar de estereótipo.

Ao falarmos em identidade cultural entendamos que essa está diretamente relacionada ao modo e/ou maneira do indivíduo comportar-se como ser social mediante as leis e aos seus representantes sociais. Fabiano, personagem principal da obra de *vidas secas*, de Graciliano Ramos, representa a condição sócio-cultural de vários indivíduos que se encontram na condição de marginalizados, pelo menos nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Mas, mesmo assim, esses continuam na busca da formação da identidade, seja dele mesmo ou de outro indivíduo.

Logo, podemos assim, perceber que ao longo dos tempos esta identidade vem sendo veiculada de forma estereotipada e através de vários conceitos pré-julgados que interferem na realidade do cotidiano da identidade do ser, deixando-os, assim, exposto ao arquétipo de uma identidade indefinida como argumenta Bauman (2005) e Hall (2002).

Ao se estabelecer algumas características que identifiquem a ausência do arquétipo identitário do ser humano, sendo estas responsáveis pela representação social do indivíduo, é preciso que tenhamos o cuidado de observarmos até que ponto, essa ausência do arquétipo representativo da identidade indefinida está presente na vida desse sujeito, por ora estereotipado de indivíduo sem identidade.

Este, por sua vez, é identificado através de códigos, tais como as vestes (vestimentas, a linguagem e as características físicas, sendo estes códigos os elementos que servem para apontar-lhes como sujeitos “ordinários”, ou seja, sujeitos dominados pelo estado ou por (outros indivíduos) que a este se julgam superiores e, parecem ser conscientes de sua posição sócio-histórico-cultural perante a sociedade. Logo, seguindo essa mesma linha de pensamento podemos, assim, dizer que a construção da identidade se encontra em lutas simbólicas envolvidas na cultura.

Pois, como afirma Silva apud Hall e Woodward (2012: página 11), “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social, assim, as identidades são fabricadas continuamente pela marcação da diferença”. Dessa forma, constantemente somos condicionados por aquilo que, somos e acreditamos ser.

Isso quer dizer que os indivíduos constroem os seus arquétipos identitários a partir da interação social por meio da linguagem. E, é através desse processo de arquétipos que as pessoas tomam ciências de quem são, passando assim, a construir suas identidades.

Assim sendo, é preciso que entendamos que essa prática que trata de uma atividade que está sempre se modificando, uma vez que a sociedade está em constantes mudanças, conseqüentemente, mudamos a nossa forma de pensar e, também, de agir. A respeito deste pensamento crítico Murray apud Moita Lopes (2003: página 34), afirma que: “A construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmo e aos outros engajados no discurso.” E dialogando com este pensamento Hall (2006) ressalta ainda que:

A identidade é realmente algo forjado, através dos processos inconscientes, e não algo inato, existe na consciência, no momento do nascimento[...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo “sempre sendo formada. Assim, em vez de falar da identidade, como uma coisa acabada, deveríamos, falar de identidade, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não dá plenitude da

identidade que já está dentro de nós como indivíduo, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso mundo exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros.(HALL, 2006: página 38-39).

A esse respeito desse pensamento crítico Hall e Woodward (2012) defendem que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas. Desse modo, podemos entender que a nossa identidade nunca está totalmente formada e/ou definida, ela está e é representada pelo nosso comportamento, nossos gestos, nosso convívio social, em nossas vestes e, principalmente, em como usamos nossa linguagem em nossas realizações discursivas.

Assim sendo portanto, é possível entendemos que representamos mais nossa identidade através do enunciado de enunciação do que subjetivamente. Para Hall e Woodward (2012), a identidade é marcada por meio de símbolos. Logo, podemos perceber que essa e/ou sua construção está sempre se moldando, visto que é possível que a entendamos como uma característica que expressamos mais exteriormente do que interiormente, muito embora, devesse ser o contrário.

Assim, Hall e Woodward (2012) afirmam que “[...] a construção da identidades tem causas e consequências materiais”. Nessa linha argumentativa e crítica Hall e Woodward (2012) podem comprovar que a questão do achamento do Brasil pelos portugueses e bem como das demais colônias dominadas por forasteiros quando esses, por sua vez impusera suas culturas ao povo dominado, tornando-os “desaculturados¹”, e obrigando-os, assim, a assumirem uma nova identidade, portanto, totalmente alheia às suas raízes e suas origens natas. Interessante observamos que essa “desaculturação²”, também, ocorreu com os negros trazidos da África quando estes eram proibidos de manifestar seus hábitos culturais em espaço que fosse de sua plenitude e expansão social.

¹. Chamamos de desaculturados todos aqueles povos que perderam suas marcas identitária, isto é, suas raízes históricas sócio-linguísticas mediante a presença dominante de forasteiros dominadores.

². Entendemos aqui por desaculturação a perda da identidade cultural dos povos que foram dominantes por outros quando estes, uma vez dominados eram proibidos de manifestar seus hábitos culturais em espaço que fosse de sua plenitude e expansão social.

7 Referências

- Bauman, Zigmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- Canclin, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.
- Goffman, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 9 ed. Petrópolis: vozes; 2001.
- Gentili, Pablo: **Neoliberalismo e Educação: manual do usuário**. In: Silva, Tomaz Tadeu da e Gentili, Pablo. (org.). **Escola: quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: cnte, 1996:9-49.
- Hall, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**, 11ed. Tradução Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro, RJ: DP&A, 2006.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A 2000.
- KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; Semionato, Margareth Fadanelli. **Formação de professores: abordagens contemporâneas** – São Paulo: Paulinas, 2008.- (coleção docente sem formação)
- Moita Lopes, L. P. Socioconstrucionismo: **discurso e identidades sociais**. In Moita Lopes, Luis Paulo (org.) **discurso de identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p.13-38.
- Silva, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 12.ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- Ramos, Graciliano. **Vidas Secas**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Record, 1995.